





ALIAS
MIGUEL

KÂLIDÂSA



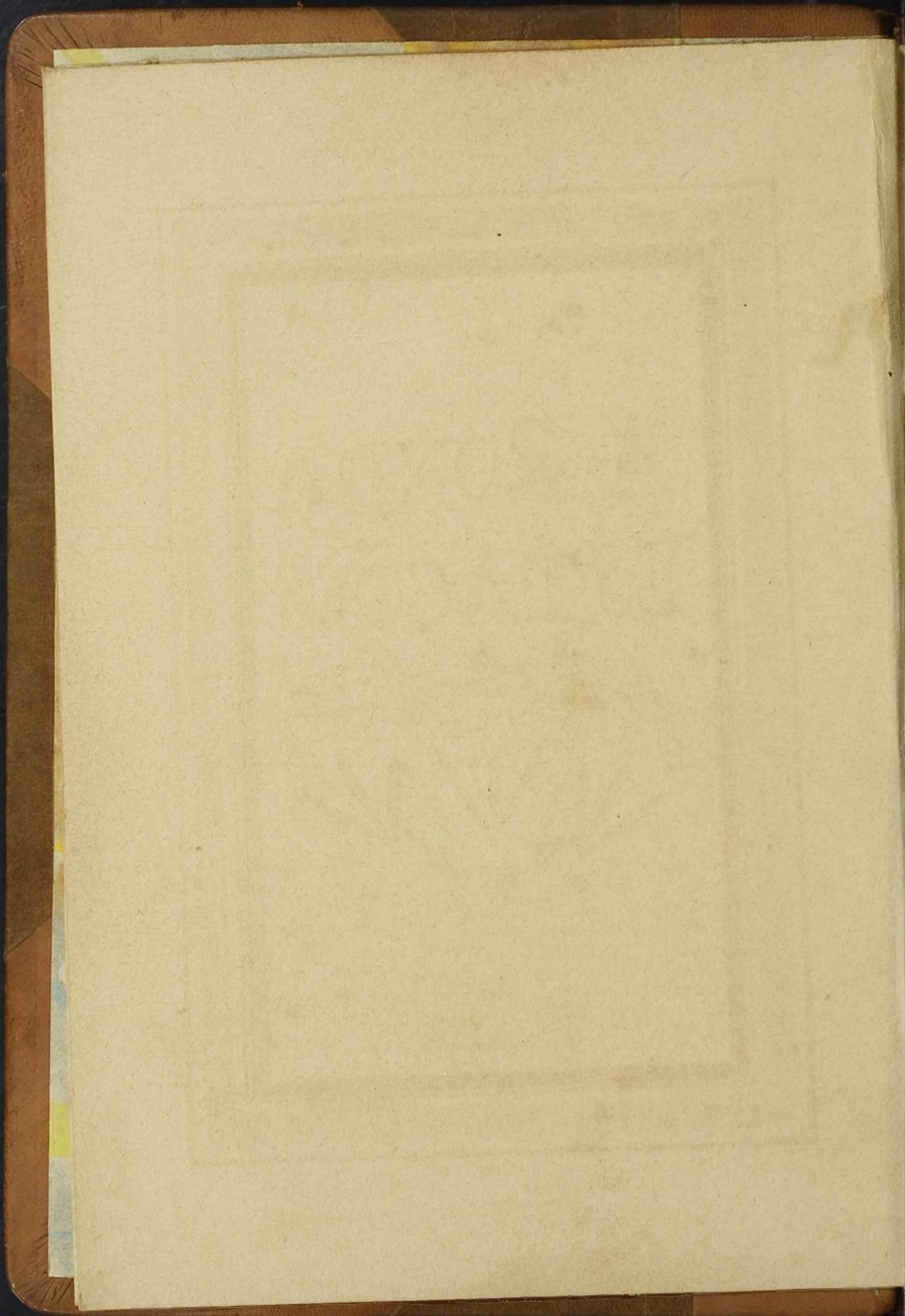
A RONDA
DAS
ESTAÇÕES



TRADUÇÃO
DE

LUCIO CARDOSO

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA



TRATADO DE...

7

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua da Imperatriz, 43
FONE - 2726 — RECIFE

COLEÇÃO RUBAIYAT

Os mais belos poemas da literatura universal. Fina impressão a duas cores em papel *bouffant* especial. Formato *m-16*. Admiráveis traduções. Volumes iniciais:

1. RUBAIYAT, de OMAR KHÁYYÁM
Tradução de *Octavio Tarquinio de Sousa*
 2. O JARDIM DAS CARÍCIAS, de FRANZ TOUSSAINT
Tradução de *Adalgisa Nery*
 3. O CANTICO DOS CANTICOS, de SALOMÃO
Tradução de *Augusto Frederico Schmidt*
 4. O "GITANJALI", de RABINDRANATH TAGORE
Tradução de *Guilherme de Almeida*
 5. O JARDINEIRO, de RABINDRANATH TAGORE
Tradução de *Guilherme de Almeida*
 6. A LUA CRESCENTE, de RABINDRANATH TAGORE
Tradução de *Abgar Renault*
 7. A FLAUTA DE JADE, de FRANZ TOUSSAINT
Tradução de *Mauro de Freitas*
 8. O AMOR DE BILITIS, de PIERRE LOUYS
Tradução de *Guilherme de Almeida*
 9. OS GAZÉIS, de HAFIZ
Tradução de *Aurelio Buarque de Hollanda*
 10. O JARDIM DAS ROSAS, de SAADI
Tradução de *Aurelio Buarque de Hollanda*
 11. O LIVRO DE JOB
Tradução de *Lucio Cardoso*
 12. NALÁ E DAMAYANTI
Tradução de *Luis Jardim*
 13. A RONDA DAS ESTAÇÕES, de KÁLIDÁSA
Tradução de *Lucio Cardoso*
 14. O VENTO DA NOITE, de EMILY BRONTË
Tradução de *Lucio Cardoso*
- POEMAS EM PROSA, de BAUDELAIRE
Tradução de *Aurelio Buarque de Hollanda*
- AS POMBAS DOS MINARETES, de FRANZ TOUSSAINT
Tradução de *Aurelio Buarque de Hollanda*
- O LIVRO DOS SALMOS
Tradução de *Guilherme de Almeida*
- COLHEITA DE FRUTOS, de RABINDRANATH TAGORE
Tradução de *Abgar Renault*.
- O CANCIONEIRO DE PETRARCA
Tradução de *Jamil Almansur Haddad*

COLEÇÃO BUBALINI

A RONDA
DAS
ESTAÇÕES

OBRAS DE LUCIO CARDOSO

(premiadas pela *Sociedade Felipe d'Oliveira*)

MALEITA (romance)

SALGUEIRO (romance)

A LUZ NO SUB-SOLO (romance)

MÃOS VAZIAS (novela)

O DESCONHECIDO (novela)

DIAS PERDIDOS (romance)

POESIAS

HISTORIAS DA LAGÔA GRANDE (livro infantil)

O ESCRAVO (teatro)

Traduções:

DANIEL DEFOE — AS CONFISSÕES DE MOLL
FLANDERS — (romance)

JANE AUSTEN — ORGULHO E PRECONCEITO —
(romance)

MAURICE BARING — A PRINCESA BRANCA —
(romance)

UPTON SINCLAIR — O FIM DO MUNDO (romance)

GOETHE — MEMORIAS — (1.º volume)

O LIVRO DE JOB

KÂLIDÂSA — A RONDA DAS ESTAÇÕES (poemas)

TOLSTOI — ANA KARENINA (romance)

EMILY BRONTË — O VENTO DA NOITE (poemas)
com ilustrações de Santa Rosa.

Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

KÂLIDÂSA

*

A RONDA
DAS
ESTAÇÕES

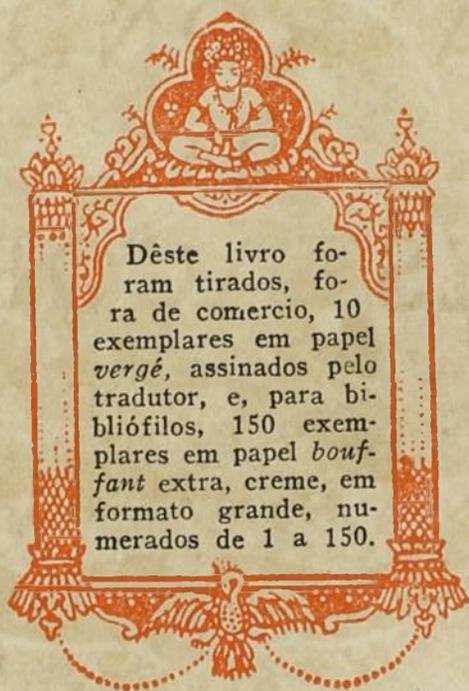
Tradução de
LUCIO CARDOSO

*

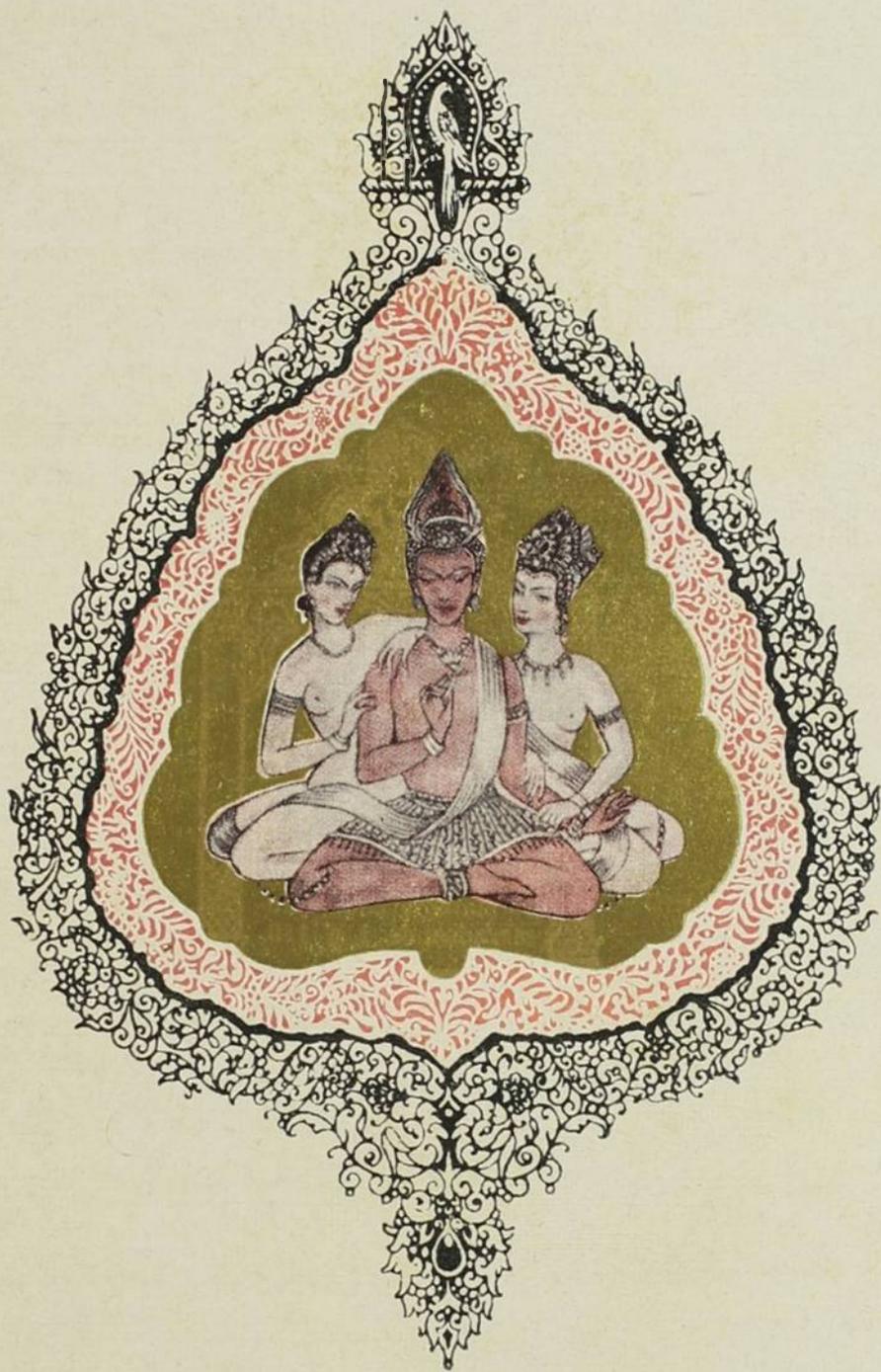
1 9 4 4

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
Rua do Ouvidor, 110 — Rio de Janeiro

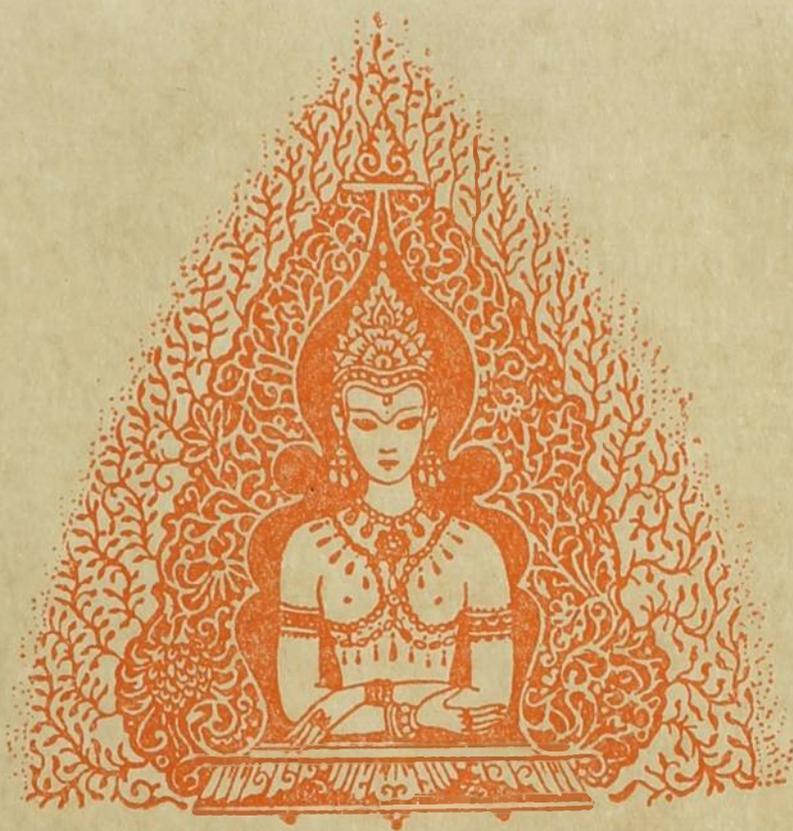




Dêste livro fo-
ram tirados, fo-
ra de comercio, 10
exemplares em papel
vergê, assinados pelo
tradutor, e, para bi-
bliófilos, 150 exem-
plares em papel *bouf-
fant* extra, creme, em
formato grande, nu-
merados de 1 a 150.



Miniatura de P. Zenker, reproduzida, bem como as demais ilustrações e vinhetas, da excelente edição francesa de H. Piazza.



K Â L I D Â S A

Kâlidâsa, o poeta que a Livraria José Olympio hoje apresenta ao público brasileiro, é conhecido como o “Ovidio da Índia clássica”. Autor de alguns dos mais famosos poemas heróicos da Índia antiga, Kâlidâsa no entanto conservou-se um poeta moderno, quer pelo seu ritmo inigualável, quer pela força e pela beleza

das suas imagens. Segundo os hindús, viveu ele no século II antes de Cristo, mas muitos críticos modernos acreditam que sua existencia se tenha verificado na primeira metade do século VI, da nossa era.

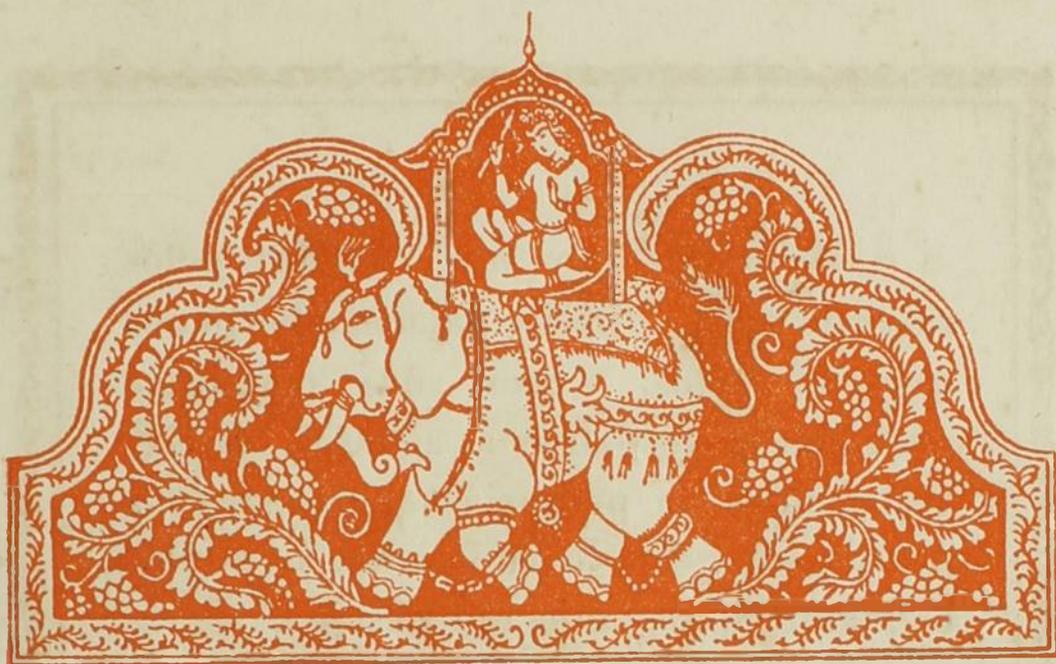
“Ritusamhâra” é o título original deste poema, que canta as diversas estações da India, numa linguagem única, desde o Verão, o quente e perfumado verão da India, até a Primavera e a Estação dos Orvalhos. Há séculos que este poema conta com admiradores em todos os cantos do mundo, despertando um entusiasmo que nem mesmo seus outros poemas, mais densos e cantando os feitos heróicos de deuses e guerreiros da India, conseguiram diminuir. Ao apresentá-lo pois ao público do Brasil, acreditamos estar prestando um real serviço à nossa cultura e em especial àqueles que amam a boa poesia e sabem dela extrair a música preciosa e o suave perfume.

L. C.

Rio, Junho de 1944.



O
VERÃO



O VERÃO

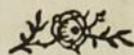
Ei-la de volta, ó minha bem-amada, ❀
a estação dos calores, o sol queiman-
do como fogo, ❀ as mais puras noites de
lua, ❀ os longos banhos em que os nos-
sos corpos perfuram o espelho das águas,
❀ e estes deliciosos fins de dia ❀ no ar-
dor apaziguado do amor!



As noites morenas riscadas pelos raios de luar, nosso palacio aberto aos quatro ventos, com suas máquinas para elevar e espalhar as aguas, nossas vestimentas de pedrarias e o sândalo perfumado, ei-los de volta, ó minha bem-amada, segundo teu desejo...



Nosso palacio, como é maravilhoso o seu interior! Um perfume embriagador flutua!... Oh, este vinho puro que estremece sob o hálito da amante! Este encanto, feitiço que o amor abrasa! Meia-noite! É a hora em que os amantes se abandonam às suas alegrias...



❖ ❖ Arde a febre do verão no coração dos homens. ❖ Vós sabereis apaziguá-los, ó mulheres! ❖ Feiticeiras de formas estuantes apertadas numa túnica de seda, ❖ com os seios perfumados a sândalo e presos com fios de pérola, ❖ e cuja pesada cabeleira, ao sair do banho, exala perfumes penetrantes! ❖ Feiticeiras dos pés avermelhados pela tinta perfumada, ❖ pés adoráveis, arqueados sob os anéis de ouro que tilintam e cantam a cada passo, ❖ como o canto do flamingo cor de rosa, ❖ e cuja linha conduz os nossos sonhos para o deus que faz sonhar os corações!



❖ ❖ No coração de quem não acendem elas o extasiante ardor, ❖ estas mulheres que banham os seios no bálsamo de sândalo ❖ com suas guirlandas de pérolas

misturadas aos frescos jasmims e suas an-
cas cercadas por fios de ouro?



✦ ✦ É o verão. Sobre os seios empina-
dos e os membros lânguidos, cuja epider-
me se cobre de gotas de suor, ✦ os ligei-
ros tecidos de Açoça tomaram o lugar das
pesadas vestimentas. ✦ E que agora ca-
da um escolha sua esposa ✦ entre estas
mulheres iluminadas pela mocidade!



✦ ✦ É o verão. O amor adormecido
desperta sob a doce carícia dos leques,
que roçam os seios perfumados e ornados
de pérolas, ✦ entre canções, gorjeios de
pássaros e os acordes da viná. ✦ Com

olhares, sorrisos e zombarias, as moças galantes acendem ✧ os desejos de amor do macho, ✧ pelas belas noites iluminadas ao luar.



✧ ✧ E enquanto no fundo do palacio ✧ os amantes desfalecidos de felicidade descansam sob o clarão lunar, ✧ o deus lua que os contempla ✧ empalidece de vergonha e de amor ✧ e a noite tambem empalidece.



✧ ✧ Ao longe, perdido na poeira que se eleva da terra calcinada, ✧ o viajante ce-

go ❧ chora a esposa querida da qual se
acha separado.



❧ ❧ Ansiosas, as gazelas torturadas pelo
terrível calor se reúnem ❧ e dizem: “Te-
remos um pouco d’água na clareira do
bosque?” ❧ Pois elas perceberam uma
nuvem ao longe, sobre o céu, ❧ como
uma sombra sobre uma face.



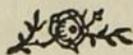
❧ ❧ A serpente naja, queimada pelo
sol, ❧ se arrasta sufocada na poeira ar-
dente do caminho ❧ e tímidamente, ca-
beça baixa, esquecendo as contendas do
passado, ❧ vem deitar-se à sombra do

pavão; ♣ e o pavão prostrado sob o sol, como a vítima de um sacrificio, ♣ deixa a serpente esconder a cabeça sob a esplêndida cauda que descerra.



♣ ♣ Língua e crina pendendo de modo lamentavel, ♣ ofegante e arrastando sua sede, ♣ o Rei Leão, com o focinho ferido, ♣ sem força e sem coragem, renuncia a atacar seu inimigo, o elefante. ♣ E o elefante, com presas de marfim, não teme mais o leão; ♣ e erra atormentado pela sede amarga, * a garganta seca, mendigando um pouco d'agua ao longo dos rios ressecados na fornalha, na poeira, em plena luz! ♣ Os javalís em bando, furando com o focinho, ♣ mergulham no leite dos tanques eriçados de ervas se-

cas ♣ para evitar as queimaduras do sol esplêndido que arde.



♣ ♣ Fora do pântano ressecado a rã saltou para junto da serpente naja ♣ e veio esconder-se sob sua cauda inchada, como à sombra de um chapéu!



♣ ♣ Os búfalos abandonaram seus abrigos ♣ expulsos pelo calor ♣ e aspiram o ar com o focinho espumante, ♣ deixando pender a língua ressecada ♣ e em bandos, exaustos de fadiga, ♣ erram tristemente à procura de uma gota d'água.



✦ ✦ Milhares de pássaros ofegam sobre as árvores despojadas de suas folhas; ✦ um macaco extenuado se arrasta sob o espinheiro; ✦ uma nuvem de gafanhotos se abateu sobre a última cisterna.



✦ ✦ O lago não é mais do que lama revolvida ✦ juncada de peixes mortos ✦ e de ninféias ressecadas, ✦ desertada pelos pássaros aquáticos, ✦ triturada sob os pés dos elefantes ansiosos.



✦ ✦ De repente, das alturas de onde contemplamos a paisagem desolada ✦ o espanto nos arrebata: ✦ o fogo ateou-se

na floresta! ❀ Ele queima os botões, os brotos mal nascidos ❀ e as folhas secas ❀ que o vento dispersa aos quatro cantos do horizonte.



❀ ❀ Em braçadas fumegantes, vermelhas como as flores novas do Koussoumba, ❀ ele devora em mistura as árvores e as lianas ❀ e os galhos cobertos de botões. ❀ O vento em cólera atíça sua rai-va. ❀ Todo o espaço nada mais é senão um vasto incendio! ❀ O fogo faz estalar os corpos secos dos bambús, ❀ e de eco em eco seu crepitar repercute ao longo dos rochedos. ❀ As ervas ardem, a flama avança sem descanso ❀ e cerca, e de-

vora os animais selvagens que se reúnem e se precipitam.



❖ ❖ Mas é sobretudo na floresta dos algodoeiros ❖ que o fogo parece subir até o céu. ❖ Primeiro, a chama de ouro serpenteia ❖ no fundo oco dos troncos, ❖ depois, ela se lança fora da árvore ❖ e lambe as folhas que se estorcem.



❖ ❖ Então todos os animais fogem do bosque incendiado: ❖ o fogo envolve as árvores num círculo infernal. ❖ Eis os elefantes, os crocodilos e os leões ❖ cobertos de faíscas; todos fogem em dire-

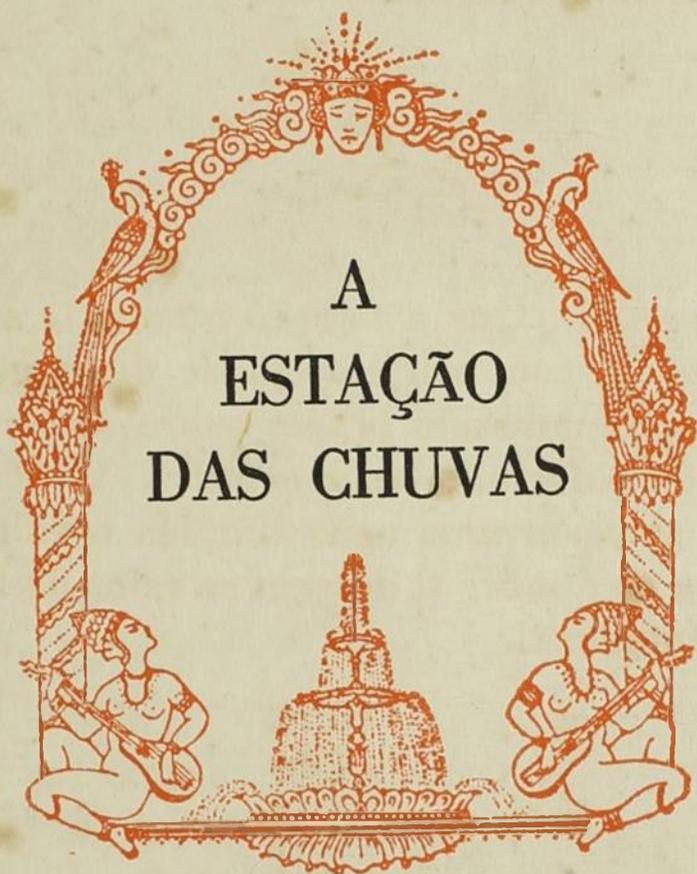
ção aos rios ressecados, ao leito de ilhas pontilhado, ♣ todos fogem sem destino, lado a lado, como amigos que enfrentam a morte ♣ reconciliados!

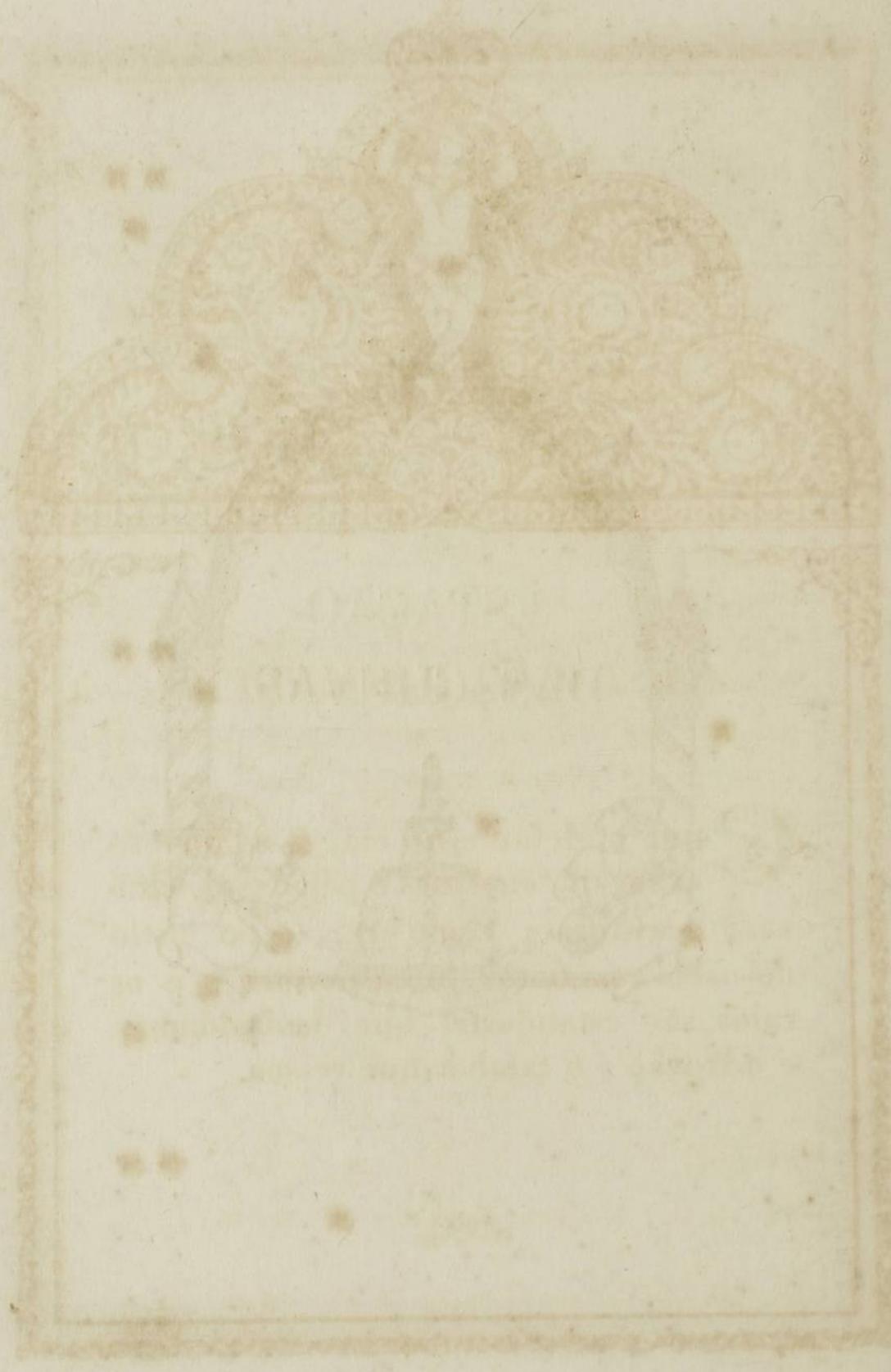


♣ ♣ Ah! Que a estação quente te seja propícia, com seu cortejo de diamantes, ♣ suas noites de prazer sobre os terraços do palacio, ♣ seus canteiros de lotus que abrigam uma agua límpida e voluptuosa ♣ e sobre ti desçam os raios da lua encantadora!



A
ESTAÇÃO
DAS CHUVAS







A ESTAÇÃO DAS CHUVAS

Como o elefante no cio, ♣ as nuvens avançam, enormes e pejudas de chuvas; ♣ avançam como reis ♣ no meio dos seus exércitos tumultuosos: ♣ e os raios são estandartes que desfraldam ♣ e o trovão é o tambor que ressoa.



❖ ❖ Avancam e se amontoam as nuvens
❖ ora semelhantes às pétalas azul-escuro da flor do lotus, ❖ ora semelhantes às tetas cheias das mulheres que amamentam, ❖ ora como uma sombria nodoa que se alarga sobre a face do céu.



❖ ❖ Então, elas se desmancham em chuvas, ❖ em chuvas que tombam com um som novo e encantador à alma, ❖ em chuvas que esperam depois de meses, agonizantes de sede, ❖ os pássaros tchatakas, que bebem as gotas em pleno vôo.



❖ ❖ Sob os golpes do trovão o viajante se espanta. ❖ Como o arco do deus In-

dra, as nuvens parecem ter os raios como cordas ❀ e lançam a geada em flechas assassinas. ❀ A terra cobriu-se de cogumelos multicores, desabrochados ainda há pouco, ❀ e de ervas novas que cintilam como os raios do lapis-lazuli, ❀ e, como a mulher adornada de brilhantes, ❀ se cobriu de vagalumes, estes luminosos pastores dos deuses.



❀ ❀ Os pavões, com as caudas entreabertas tal uma braçada de flores desmanchada, ❀ despertam ao apelo do amor ❀ e se reúnem como se fossem para a dança, ❀ enquanto um enxame de abe-

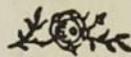
lhas ♣ tomando por flores suas plumas,
♣ lhes distribuem beijos.



♣ ♣ Os rios engrossados por ondas im-
puras, ♣ impuras como as prostitutas, ♣
transbordaram de suas margens e arran-
caram as árvores, ♣ e cada vez mais rá-
pidos rolam para o mar.



♣ ♣ Os bosques adquiriram um aspecto
gracioso ♣ por causa dos mil botões que
enxameiam sobre as árvores, ♣ dos tape-
tes de ervas tenras e dos caules dos lotus,
♣ rasgados pelos dentes das gazelas.



❖ ❖ Uma terna emoção vos surpreende
❖ à vista dos tímidos antílopes que es-
piam dos abrigos, ❖ com seus belos olhos
de lotus moveis e ingenuos ❖ e que aos
bandos cobrem as clareiras.



❖ ❖ E nas noites negras envolvidas pe-
las nuvens, ❖ apesar do trovão, as mu-
lheres contendo o coração ❖ vão aos en-
contros do amor, ❖ pelas veredas ilumi-
nadas de relâmpagos. ❖ E quando o raio
estala, ❖ o terror as surpreende nos bra-
ços dos amantes, ❖ e esquecendo suas
disputas, elas se enlaçam neles febril-
mente ❖ e os apertam.



❖ ❖ Mas aquela alí chora a ausencia do esposo ❖ e desencorajada atira fora as jóias, flores e perfumes. ❖ De seus belos olhos azulados como ninféias, ❖ gotejam lágrimas que seus labios bebem, ❖ seus labios semelhantes ao cálice do bimba.



❖ ❖ Um riacho amarelo e lamacento ❖ arrasta a terra, ervas e insetos ❖ e se alonga como uma serpente, ❖ que ameaça abismar na sua goela profunda, ❖ as rãs que o contemplam estupefatas.



❖ ❖ As abelhas, abandonando os ramalhetes de lotus, ❖ se lançam tontas de amor sobre as plumas do pavão, ❖ cren-

do distinguir novos lotus ❖ e causando
ao zumbir uma estranha música.



❖ ❖ Os elefantes dos bosques correm
em bandos rumorosos. ❖ O céu vibra em
delirio: e também os elefantes enlouque-
cem. ❖ Uma nuvem de abelhas os rodeia,
❖ atraída pela sua baba de animais no
cio, ❖ que escorre sobre suas presas
brancas, brancas como as flores de lotus.



❖ ❖ Que alma permaneceria insensível
diante desta fresca paisagem: ❖ os ro-
chedos escorrendo sob o beijo das nuvens,
❖ os riachos descendo de todos os lados,
❖ a dança frenética dos pavões apaixo-

nados ♣ e esta brisa refrescante que unida à chuva ♣ se sobrecarregou com o perfume das flores do Kadamba, do Nipas e do Ketakis ?



♣ ♣ As mulheres se fazem desejaveis:
♣ perfumam sua boca de cidú, ♣ e ornam com pérolas os seios, ♣ e se enfeitam com brincos feitos de flores odorantes, ♣ e suas cabeleiras soberbas descem até as ancas.



♣ ♣ Seres e coisas se respondem: ♣ os rios correm, ♣ os amantes sonham, ♣ a chuva crepita, ♣ os pavões dansam, ♣ os elefantes urram e os macacos se per-

seguem, ♣ os bosques resplandecem:
♣ tudo vive, palpita e se procura.



♣ ♣ Por jóias, as nuvens têm seus raios
♣ e o arco luminoso do deus Indra. ♣
As mulheres têm seus anéis, os diamantes
e os cinturões. ♣ Mas também elas coroa-
ram suas cabeças com flores de Ketaki,
de Keçara recentemente abertas. ♣ E
suspensas nos lóbulos das orelhas, trazem
as pérolas naturais da árvore Kakuba.



♣ ♣ Então, furtivamente, quando a noi-
te chega, ♣ a moça deixa o teto paternal
♣ e corre ao leito do amante; ♣ ela es-

fregou o corpo com sândalo perfumado e derramou sobre os cabelos o óleo negro de agouro. ❀ E sobre eles, espalhou flores perfumadas. ❀ Mas a esposa abandonada sonha melancólica. ❀ E sua alma lentamente se balança sobre as nuvens, ❀ nuvens baixas, pesadas de tormenta e azuis de sombra, como as pétalas do lótus ❀ que se balançam lentamente, lentamente...



❀ ❀ O calor expira sob a chuva apaziguante. ❀ As florestas exprimem sua alegria ❀ pelas Kadambas que florescem ❀ com seus ramos que se agitam à brisa ❀ e seus botões que estalam o envoltório ❀ como risadas que vibram.



✧ ✧ Às mulheres, enfeitadas para o amor, ✧ a estação oferece guirlandas de mimosas e de jasmims, ✧ flores desabrochadas, e as da família das iouticas, de cálice apenas entreaberto. ✧ Os pingentes de orelhas que apanham ✧ são os Katambas recentemente abertos.



✧ ✧ É a época em que se verão as mulheres ✧ com finos ornamentos de pérolas enrolados em torno do botão dos seios, ✧ um doukoula branco sobre a anca fascinante, ✧ e no lugar onde o corpo se divide ao meio, ✧ um monte de sombra delicioso e irresistível, ó divina atração!



❖ ❖ A brisa, orvalhada pelas gotas da chuva fresca, ❖ dança nas ramagens que vergam sob o peso das flores, ❖ perfuma-se ao passar sobre o polen das flores ❖ e arrasta as almas dos amantes separados.



❖ ❖ “Sucumbimos sob nossa carga d’agua. ❖ Repousemo-nos neste cume. ❖ Uf!” dizem as nuvens desabando sobre os montes Vindhya; ❖ e sobre estes montes queimados pelo fogo do verão, ❖ lançam a chuva ❖ e a alegria!

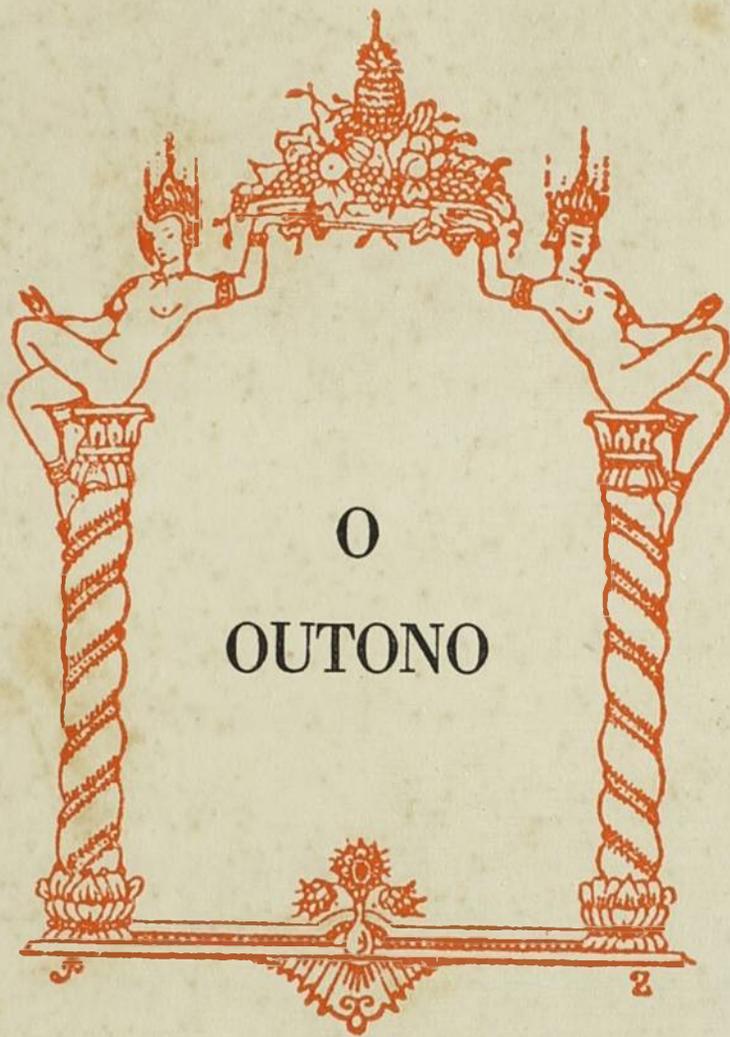


❖ ❖ Ah ! Que esta estação te seja favoravel. ❖ Ela, que dá a chuva e a vida

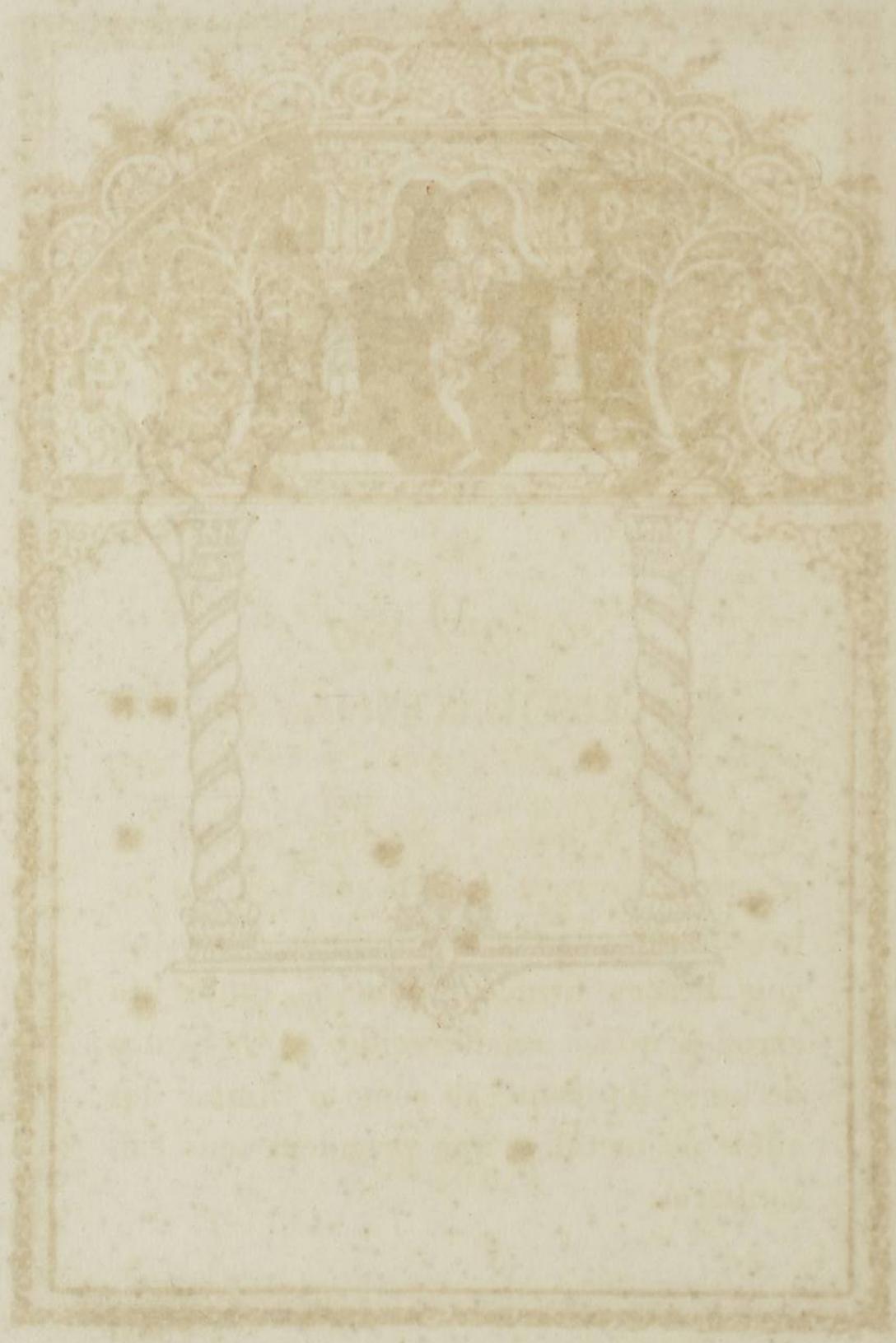
aos homens vivos, ♣ mãe dos botões entreabertos e das ervas renascidas ♣ e que de modo tão terno arrebatava o coração das mulheres!







O
OUTONO





O OUTONO

Como a nova e graciosa esposa, ❖ o outono avança ❖ com sua face de lotus desabrochado; ❖ o outono, cujos frágeis braços brincam com os caules do arroz já quase amadurecido. ❖ Os cantos de amor do cisne são como o tilintar dos anéis de metal ❖ que prendem seus calcanhares.

❖ ❖ A terra se recobriu com um bordado de Kaças florescidas ❖ e a noite, de orvalho; ❖ o regato, de cisnes; a agua dormente, de ninféias; ❖ a floresta, de pinheiros estrelados com flores de sete pétalas. ❖ Os canteiros estão brancos de jasmims.



❖ ❖ Os cursos d'agua serpenteiam como mulheres langorosas; ❖ suas ilhas são como as formas redondas de suas ancas sedutoras; ❖ rosarios de peixes faiscentes são os guisos da sua cintura, ❖ e as filas de pássaros brancos nas margens ❖ são as pérolas dos seus colares.



❖ ❖ Onde está o coração que não pal-
pita ❖ à vista deste céu tão belo, pintado
como uma face, ❖ da terra atapetada pe-
lo polen vermelho das bandhoukas, ❖
dos botões e das sementes, ❖ da seiva que
sobe ao caule do arroz branco ?



❖ ❖ As negras noites de tormenta são
passadas; ❖ um céu mais claro apareceu,
❖ cercado de flocos brancos, ❖ brancos
como as fibras do lotus do cálice pratea-
do, ❖ e este céu parece um rei que as
escravas abanassem ❖ com cem leques
de plumas brancas !



❖ ❖ Existe uma só alma que não chore
de amor ❖ diante destes bosques de éba-

no ♣️ cujas altas ramas são embaladas pe-
la brisa, ♣️ coroadas de botões e de flores,
♣️ onde as loucas abelhas vêm procurar
o suco que destilam do mel?



♣️ ♣️ A noite, como uma adolescente ♣️
que dentro em pouco irá se tornar pú-
bere, ♣️ desembaraçou-se das nuvens que
velavam a face da lua; ♣️ ela tirou do seu
escrinio jóias de estrelas aos milhares, ♣️
e ei-la que surge no seu vestido sem man-
cha, ♣️ tecido com raios de luar.



♣️ ♣️ Os rios se inflamam ao reflexo dos
lotus vermelhos ♣️ e estremecem às bica-

das dos pássaros d'agua. ✧ As margens se animam com os folguedos dos patos e dos gansos, ✧ enquanto o canto do cisne chama o universo à alegria.



✧ ✧ E na noite enfeitada os raios de luar, ✧ adorados pelos corações apaixonados, ✧ distribuem felicidade, a chuva fina e o orvalho ✧ e mornas caricias aos corpos das mulheres ✧ que choram os maridos em viagem.



✧ ✧ O mesmo vento, como numa dansa, ✧ agita o tapete formado pela floresta de flores, ✧ e as almas dos adolescentes, ✧ e as ninféias e os lotus desabrochados cobrem a terra aos milhares.

❖ ❖ Nossos corações batem ao ritmo das ondas que no tanque estremecem sob o vento, ❖ o tanque de opala onde vogam os cisnes amorosos ❖ entre os nenúfares e os lotus.



❖ ❖ Já não se oculta nas nuvens o deus Indra armado com seus raios, ❖ nem estão as nuvens esgarçadas ❖ riscadas de clarões ❖ como bandeiras atormentadas pelo vento; ❖ as aves já não batem mais o ar com suas asas, ❖ e os pavões não levantam mais a cabeça para ver os relâmpagos no horizonte. ❖ Abandonam os pavões fatigados a dança dos amores; ❖ e o Amor excita agora os flamingos cor de rosa, ❖ cujo canto é tão melodioso; ❖ e a deusa Cri, que faz crescer as flores, ❖ volteia das Kadambas aos Nipas ❖ e das Sardjas às outras flores.

Os bosques, perfumados de jasmims penujentos, cheios de pássaros que pipilam sobre os galhos, têm clareiras de sombra onde brilham os olhos das gazelas semelhantes aos lotus faiscantes, que nos comovem em desejos singulares.



E o vento da aurora, que colheu sobre os nenúfares brancos gotas de orvalho gelado, derrama uma chuva de prata sobre a donzela que estremece na manhã renascida.



A terra se alegra sob as colheitas de arroz e nos comunica sua alegria; ela se ornou com rebanhos de belos no-

vilhos ❀ e de todos os lados sobem gritos de alegria ❀ dos gansos e dos flamingos cor de rosa.



❀ ❀ Ser e natureza se rivalizam: ❀ a marcha dos flamingos cor de rosa será mais sutil do que a de uma jovem mulher?

❀ A lua empalidece diante da claridade das ninféias extasiantes. ❀ O brilho das pupilas, iluminadas pela embriaguez, oculta-se ❀ diante dos lotus azuis e dos nenúfares luminosos. ❀ O jogo sedutor das sobrancelhas cede às ondulações da onda e aos arrepios das águas.



❖ ❖ As lianas ondeadas, inclinadas sob o peso das flores, ❖ fazem esquecer, ó mulheres, vossos braços de deusas, ❖ vossos braços sobrecarregados de adornos; ❖ e a brancura do jasmim recentemente entreaberto, ❖ misturado às flores de Açoça, ❖ ultrapassa o brilho dos vossos dentes brancos, ❖ e o encanto dos vossos sorrisos !



❖ ❖ É a epoca em que, nos cachos de vossos cabelos, negros como nuvens de tormenta, ❖ introduzís as flores alvas dos jasmims, ❖ e pendurais nas orelhas onde se balançam pesados brincos de ouro, ❖ flores d'agua e lotus; ❖ em que, a alma cheia de alegria, ❖ ides cingir os seios com finos colares de pérolas ❖ e a ânfora de vossas ancas com uma cinta de guisos ❖ e com anéis de ouro, o lotus dos vossos pés.

❖ ❖ E eis que aparece, feérica, mais be-
la do que tudo o que existe no mundo, ❖
a deusa Cri, coberta de ninféias desabro-
chadas. ❖ Ela está deitada e faisca em
pedrarias, ❖ adormecida sobre um sober-
bo cisne ❖ que voga sobre uma onda de
diamante e esmeralda; ❖ e na noite tran-
quila, é o proprio céu, ❖ tão puro e re-
camado de estrelas, ❖ que a passeia do-
cemente sob o clarão da lua...



❖ ❖ Saindo do leito nupcial dos lotus,
❖ a brisa de outono purificada ❖ espa-
lhou as brancas nuvens. ❖ Espaços celes-
tes infinitos revelam-se aos nossos olhos,
o n d e se perdem nossos sonhos; ❖ as
aguas tornaram-se transparentes, a seiva
da terra amadureceu os arrozais; ❖ e o
céu surge constelado de estrelas !

❖ ❖ Vêm-se, deixando os jogos, as rodas e as canções, ❖ moças muito novas, ainda quase em idade de criança, ❖ de face bela como o astro das noites. ❖ Algumas escorregam suas pequenas mãos de lotus ❖ na mão de seu amante, ❖ mãos carregadas de flores que apanharam, ❖ e impacientes voltam para o lar, ❖ onde o amor as chama irresistivelmente !



❖ ❖ Outras, ao contrario, enlaçadas às suas jovens companheiras, voltam do lugar de amor em que experimentaram completa embriaguez, ❖ e, sem reserva, trocam alegres impressões, ❖ enquanto na noite propicia confessam ruborizadas ❖ seus segredos voluptuosos e suas doces brincadeiras.

❖ ❖ Pela aurora, emocionada sob um raio do sol levante, ❖ a ninféia vermelha entreabre seus labios em corola, ❖ como uma moça ao despertar, ❖ mas a ninféia branca, apaixonada pela lua, fecha-se tristemente ❖ quando desaparece no ocidente o disco luminoso das noites. ❖ Assim se extingue o sorriso das esposas ❖ abandonadas pelo marido quando chega o dia.



❖ ❖ Em todos os lugares a deusa Cri espalhou a felicidade, a beleza e a alegria; ❖ o esplendor feérico da lua sobre a face das mulheres; ❖ a graça dos pequenos lotus brancos nas bocas tão puras abertas num sorriso, ❖ e o brilho das corolas purpureas sobre os labios sedutores.

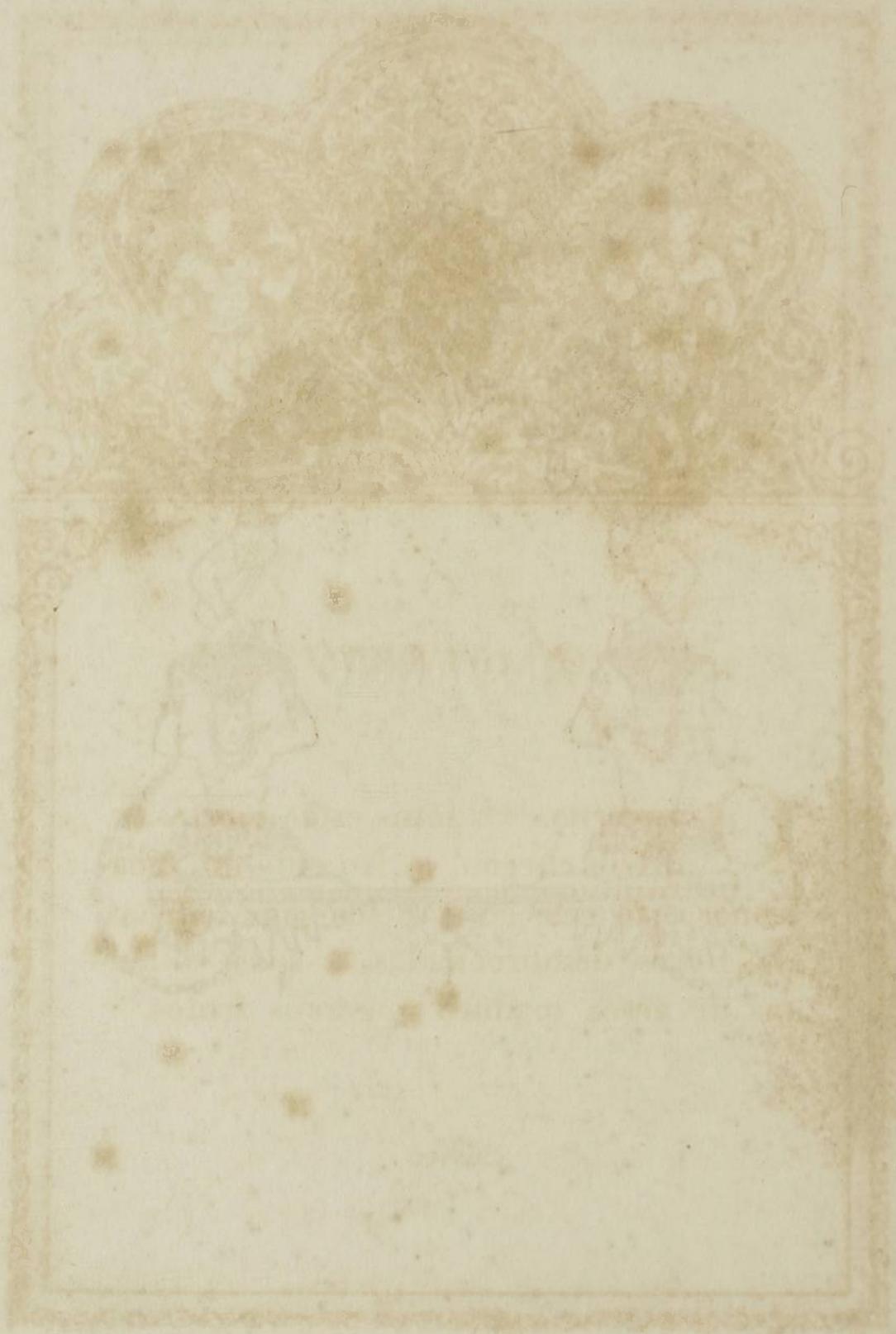


❖ ❖ Ah! que a estação do outono, ❖
deliciosa amante, ❖ traga a ti numerosas
alegrias, ❖ com seu sorriso de lotus bran-
co, ❖ seus labios de lotus vermelho, ❖
seus olhos de lotus azul, ❖ e seu vestido
luminoso como as flores abertas do Kaçá.





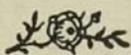






O INVERNO

O inverno. Os lotus estão mortos, o frio chegou. No entanto, amaremos esta estação pelos seus lodrhas de flores desabrochadas, suas colheitas de arroz maduro e seus frutos.



✧ ✧ Outrora provocantes, ✧ as mulhe-
res agora, como envergonhadas, ✧ escon-
dem os seios sob os vestidos. ✧ Longe se
acha o tempo dos unguentos de açafão
✧ e das guirlandas de jasmim claro ✧ co-
mo a lua. ✧ Já não existem mais sobre
seus braços sedutores ✧ espirais de bra-
celetes em conchas e anéis de ouro. ✧ Um
espesso doukoula lhes cobre as formas ar-
redondadas. ✧ Um estofa de Akoça lhes
protege os seios firmes.



✧ ✧ Já não é mais tempo das ricas cin-
turas em pedrarias, ✧ dos cordões de ou-
ro, ✧ dos anéis nos pés que pisam deli-
cadamente ✧ como ninféias sobre a água,
✧ os anéis cujo tilintado imita o canto
dos flamingos cor de rosa.

❖ ❖ O Amor agora exige outros aprestos: ❖ as mulheres untam os membros com o pó que vem do bosque de Kaligaka, ❖ avermelham a face bela como o lotus ❖ e passam nos cabelos o óleo negro de agourou.



❖ ❖ Pois a terra está coberta pelas colheitas de arroz, ❖ cheias de seiva, ❖ e onde vão passear graciosamente os antílopes femeas, ❖ onde cantam os maravilhosos pássaros, ❖ que fazem nascer novos e impacientes desejos.



❖ ❖ A água dos tanques arrebatava os homens ao sonho do amor, ❖ a água límpida, transparente, ❖ sulcada de pás-

ros, pontilhada de ninféias azuis e vermelhas ❀ e de çavalas verdes.



❀ ❀ Cansadas das primeiras fadigas do amor, ❀ as faces pálidas, ❀ as moças riem ao despertar da vida voluptuosa; ❀ elas riem, ❀ mas com cuidado ❀ e sem descobrir muito os dentes brancos, ❀ pois seus labios roseos estão rasgados ❀ pelos dentes do amante apaixonado, ❀ e as fazem sofrer cruelmente.



❀ ❀ Suspirando de voluptia e de amor, ❀ o amante estendido sobre o leito ❀ aperta contra si a bem-amada. ❀ Seus membros se entrelaçam. ❀ E sua boca perfumada pela essência de assava, ❀ ao ritmo de seu hálito, ❀ perfuma os dois corpos.

❖ ❖ Todas as jovens mulheres trazem sobre o corpo ❖ a marca cruel do amor: ❖ seus lábios, mordidos pelo amante, ❖ sangram ainda, ❖ e, sobre os seios, as unhas do companheiro ❖ traçaram a historia dos seus desejos.



❖ ❖ Ao amanhecer, com um espelho na mão, ❖ um rictus sobre a face, ❖ uma jovem mulher acompanha sobre os roseos lábios ❖ os ferimentos que lhe fizeram os dentes do amante, ❖ o cruel amante que lhe bebeu a alma pela boca!



❖ ❖ Quanto a estas, esgotadas pelas voluptuosidades consentidas, ❖ dormem ainda, indolentes, ❖ sob a doce carícia

do sol. ✧ Suas pálpebras estão avermelhadas pela insonia, ✧ e sua cabeleira em desordem se espalha sobre o leito.



✧ ✧ Aquelas cingem com uma faixa, ✧ sem mancha, ✧ a fronte guarnecida de cabelos negros ✧ como uma nuvem de tormenta. ✧ E seus braços, levantados para consertar os cabelos, ✧ cedem e re-tombam pouco a pouco ✧ sob o peso magnífico dos seios.



✧ ✧ Uma delas vem de constatar sobre o seu corpo ✧ as dentadas do amante; ✧ feliz, sorri. Depois coloca sobre os labios um pouco de pintura, ✧ enrola-se numa ligeira túnica de seda; ✧ e os braços le-

vantados, hesita, divertida: ♣ e suas pupilas seguem agora uma louca mecha que dança em sua frente!

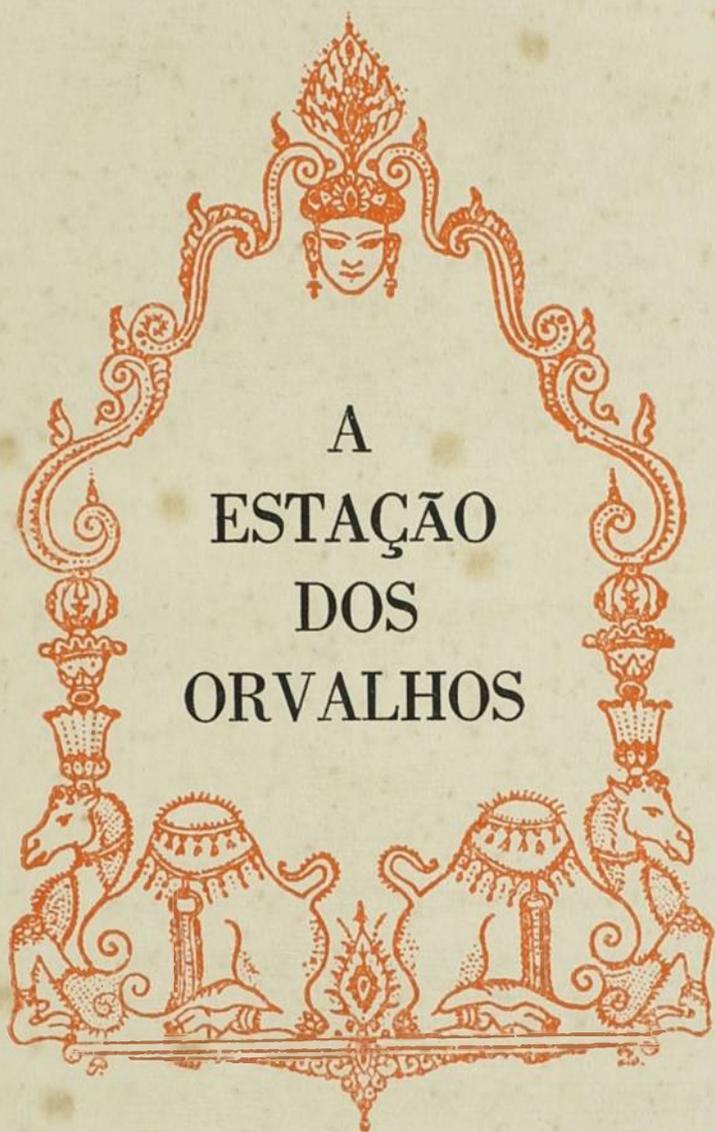


♣ ♣ Outras, fatigadas ♣ e quase mortas de prazer, ♣ os seios, o corpo inteiro dolorido pela luta do amor, ♣ espalham sobre os membros um bálsamo benfazejo ♣ e perfumado.

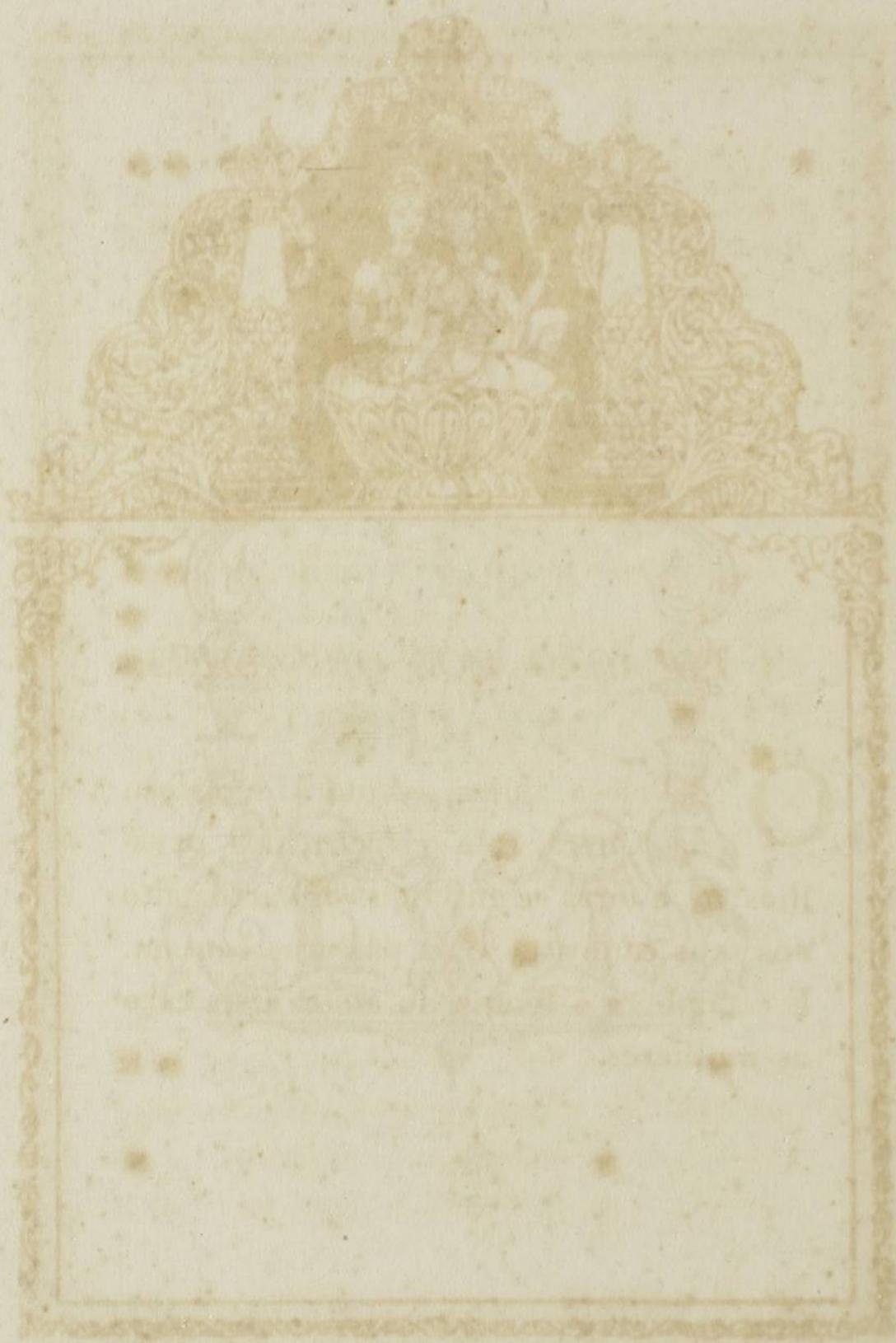


♣ ♣ Ah! Que esta estação, companheira do frio, ♣ seja propícia aos teus desejos! ♣ Possa ela te arrebatara a alma das mulheres ♣ pelas suas paisagens recobertas por espessas searas de arroz ♣ e pelo canto dos pássaros que pousam sobre a neve!





A
ESTAÇÃO
DOS
ORVALHOS





A ESTAÇÃO DOS ORVALHOS

O' deliciosa amiga, escuta a descrição da Cicira, ❖ a estação dos orvalhos: ❖ a terra se enfeitou com arroz alto nos seus caules, ❖ e os pássaros cantam. E é também o tempo do amor mais caro às mulheres.



❖ ❖ Dagora em diante procuraremos ❖
o interior acariciante de uma casa bem
fechada, ❖ o calor da lareira, os raios do
sol ❖ e as vestimentas bem espessas.



❖ ❖ Passado está o tempo do sândalo,
❖ o sândalo fresco como o raio da lua.
❖ Já não se fazem longas permanências
nos terraços banhados pelo luar, ❖ e nin-
guem mais deseja em seu coração ❖ o
vento que refresca.



❖ ❖ Foi-se o culto das noites: ❖ elas
agora são frescas e molhadas de orvalho;
❖ o amante as abandona, ❖ apesar das
suas jóias estreladas.

❖ ❖ Perfumada de agourou, sua boca,
flor de lotus, rescende a essencia de flores,
❖ e as mulheres fizeram provisão de be-
tel, ❖ de perfumes, de guirlandas floridas
❖ e, cansadas do amor, ❖ retiraram-se
para seu quarto de dormir.



❖ ❖ Então, diante dos amantes trêmu-
los de voluptuosidade, impacientes, lou-
cos de amor, ❖ elas esquecem seus er-
ros, suas infidelidades, ❖ e, sorrindo,
perdoam as ofensas passadas.



❖ ❖ E pela manhã, ainda envoltas nas
vestimentas da noite, ❖ elas se vão len-
tamente, amolentadas ❖ e cansadas do

amor que foi cruel. ✠ Depois se aprontam para festejar a estação dos orvalhos: ✠ aprisionam a garganta num estofo escolhido ✠ e envolvem as pernas em sedas de ricas cores ✠ enquanto semeiam flores sobre os cabelos.



✠ ✠ No entanto os homens se banham, descuidados do frio, ✠ para apagar as marcas deixadas sobre o peito ✠ de amarelo açafão ✠ com o qual as esposas tinham untado os seios, ✠ afim de seduzí-los.



✠ ✠ Pois durante a noite ✠ os amantes lançados à loucura ✠ beberam muitas vezes um licor ✠ enervante e divino ✠

que treme, como um lotus, sob o hálito perfumado ❖ e lança a embriaguez à alma e exalta os sentidos.



❖ ❖ Algumas vezes, dia claro, ❖ uma das esposas, cuja pintura desapareceu ❖ sob as carícias, ❖ percebe no seu corpo as marcas de amor. ❖ Envergonhada, deixa o leito, fugindo para o interior do palacio. ❖ Quer voltar depois, mas não ousa se mostrar assim ao companheiro. ❖ Então suplica que lhe tragam ❖ o vestido esquecido no quarto.



❖ ❖ Quanto a esta, deixou tombar sua vestimenta: ❖ está nua e bela como uma deusa. ❖ Seus cabelos escorrem de oleo

negro e, enquanto os anéis de ouro soam nos seus pés, ela agita guirlandas de rosas que se desfolham...



As mulheres, no fundo do palacio, são como a deusa Lakshmi: têm olhos grandes e belos como lotus que um traço de tinta prolonga até às orelhas, cabelos desatados que flutuam até às espaldas, uma face oval cor de ouro, e labios vermelhos, resplandescentes.



Algumas, depois da noite de amor, vestiram a túnica que convem a este dia; e lânguidas, caminham lentamente, um pouco cansadas de trazerem a

ânfora pesada das ancas ♣ e a garganta
em fogo.

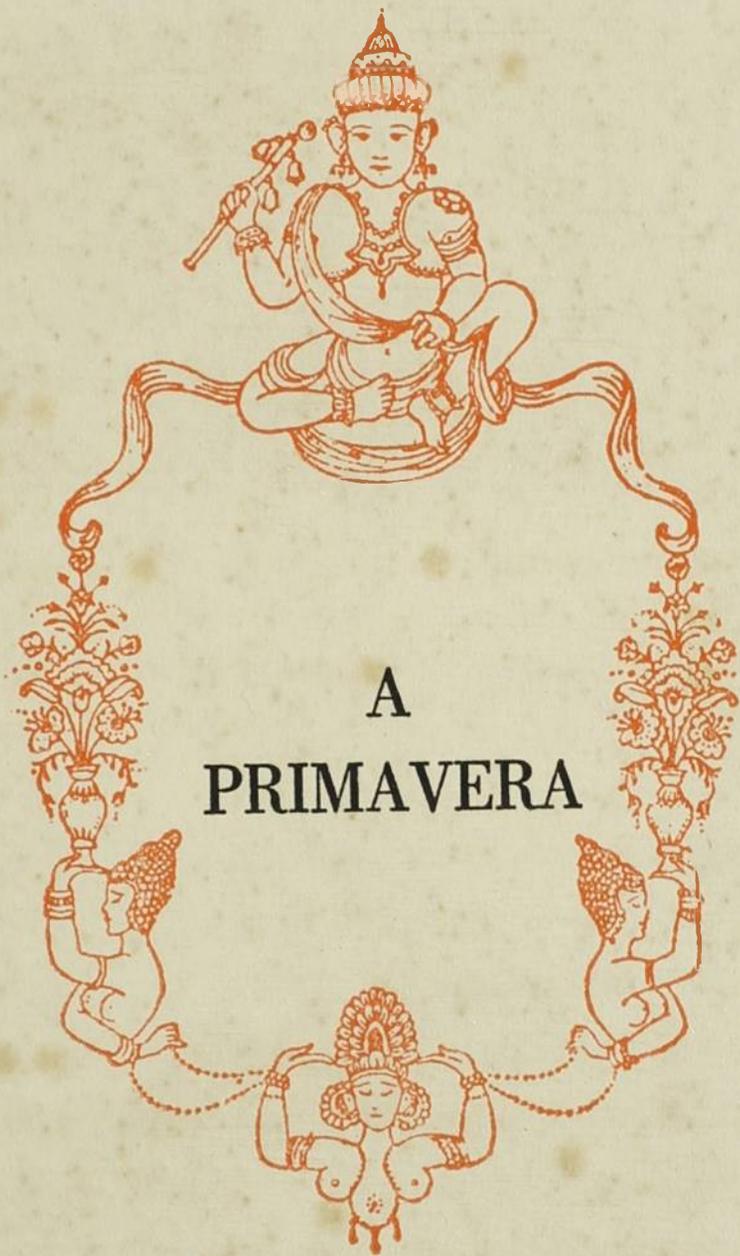


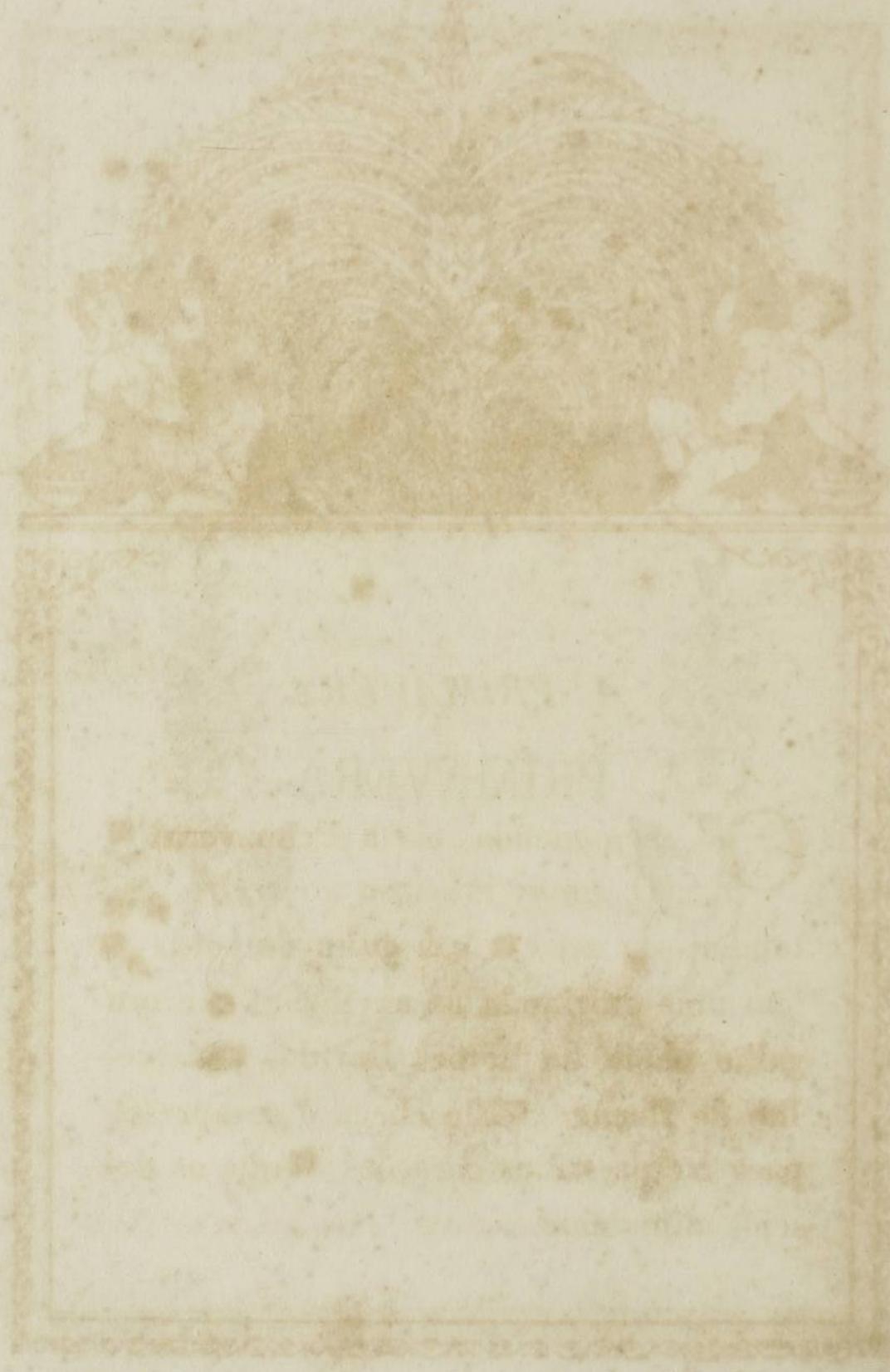
♣ ♣ Outras descobrem sobre os seios
♣ os sinais das unhas do companheiro,
♣ e nos labios, que acariciam com os
dedos, ♣ ferimentos. ♣ Com um bálsa-
mo refrescante cobrem estas marcas ♣
e pintam o rosto. ♣ E' a hora em que o
sol se levanta...



♣ ♣ Que esta estação te seja propicia,
estação dos langores amorosos, ♣
dos amores, dos prazeres, ♣ dos eufor-
bios deliciosos, ♣ das braçadas de cana
de açúcar ♣ e das colheitas de arroz ado-
cicado ♣ que encantam os olhos!









A PRIMAVERA

O' bem-amada, eis a Primavera! ❀
O amor, gracioso guerreiro, es-
tendeu seu arco ❀ e à guisa de corda ❀
tem uma guirlanda de abelhas; ❀ e um
galho cheio de botões floridos ❀ serve-
lhe de flecha. ❀ Ele chega e se apresta
para trespassar os corações ❀ que os de-
sejos alimentam.

❖ ❖ Vê, a feérica Primavera tudo embelezou: ❖ os galhos recobertos de flores, ❖ as aguas azuis semeadas de lotus, ❖ as mulheres amorosas, a brisa perfumada, ❖ as noites deliciosas, as manhãs encantadoras, ❖ e o tanque que brilha como um milagre de pedrarias, ❖ e este enxame de mulheres que cintilam como a propria lua, ❖ e as árvores que vergam ao peso das flores!



❖ ❖ Parece que um voluptuoso desejo ❖ anima as proprias coisas: ❖ os finos colares de pérolas que palpitam sobre os seios ❖ vaporizados de sândalo, ❖ o hábito das bocas perfumadas de betel ❖ e os cinturões coloridos sobre o flanco perturbador das mulheres!

❖ ❖ Ligeiros tecidos de Açoça dourados
no suco de açafão ❖ ornam os peitos.
❖ Doukoulas pintados a vermelho ❖ na
essencia do Koussoumba ❖ modelam fi-
namente as ancas adoraveis.



❖ ❖ Eis a hora do amor: ❖ durante a
raiva dos desejos ❖ gotas de suor escor-
rem sobre a face das mulheres enfeiti-
çantes, ❖ sobre estas faces tão belas que
a pintura ilumina, ❖ semelhantes às pé-
talas vermelhas dos lotus.



❖ ❖ E quando os amantes acalmados,
vencidos, ❖ repousam junto às amantes
nuas, ❖ estas, ainda sacudidas pelo es-
pasma, ❖ já estremecem ao ímpeto de
novos desejos!

✥ ✥ No entanto, aquelas cujo esposo se acha ausente, ✥ alí se encontram, magras, pálidas, ofegantes; ✥ estiram os membros e suspiram de desejo. ✥ O amor, espírito sem corpo, ✥ reduz a este estado suas vítimas, ✥ as mesmas que também nos embriagam.



✥ ✥ Sob diversos aspectos, o amor se incorporou a elas: ✥ é ele, o amor, que turva suas pupilas enlanguecidas pela embriaguez; ✥ é ainda ele que empalidece suas faces, ✥ levanta-se firme sobre seus seios; ✥ amolece nas curvas dos talhes, ✥ no arredondado das formas opulentas; ✥ que mantem os membros enlaçados, ✥ que perturba o timbre de sua voz ✥ e que faz os olhares escorregarem de lado, ✥ prometedores e furtivos, sob o jogo das sobrancelhas.

❖ ❖ E de novo, as mulheres enlanguedidas de amor ❖ misturam o almiscar ao sândalo, ❖ e sobre os seios ❖ combinam sabiamente as tintas de kaligaka, de priangou e de açafrão. ❖ No entanto, os apaixonados ❖ despojaram-se apressadamente de suas pesadas roupas, ❖ trocando-as por leves vestimentas, ❖ e prepararam o corpo ❖ esfregando nele um suco de laque ❖ e de agourou negro, ❖ cujo perfume embriaga.



❖ ❖ O pássaro Kokila macho, apaixonado por uma flor, ❖ tonto por ter bebido o suco que embriaga, ❖ beija voluptuosamente a corola, sua amante, ❖ como se beija uma mulher sobre a boca. ❖ E mais longe, uma abelha, esposa que zumbe, veio se colocar sobre o lotus, seu esposo, ❖ e acaricia com arte as pétalas do seu bem-amado.

❖ ❖ Ó minha encantadora bem-amada!
❖ eis a hora em que, na alma das mu-
lheres, ❖ se exaltam os desejos novos,
❖ os desejos pesados de seiva que estre-
mece, ❖ semelhantes às árvores floridas
que se agitam sob a brisa, ❖ e vergam
ao peso dos botões vermelhos.



❖ ❖ Vermelha de flores na raiz, ❖
com suas flores e seus botões, ❖ a Akoça,
que chamam de “Sem Cuidado”, ❖ causa
no entanto inquietação ❖ ao coração tu-
multuoso das mulheres; ❖ e a visão da
Atimoukta, de cálices apenas entreaber-
tos, ❖ cercados de abelhas que deslizam
❖ embaladas pela brisa, ❖ acende o in-
quieto desejo no coração ardente dos ho-
mens!

❖ ❖ Veja este homem, ó minha amiga,
abandonado pela sua amante: ❖ ele aca-
ba de perceber a árvore Kouravakas ❖
de botões perfumados e frescos ❖ que
rivalizam em brilho com a cor da sua
amada. ❖ E eis que de repente sua alma
se abate ❖ como se fosse trespassada pelo
amor ❖ por uma chuva de flechas dolo-
rosas!



❖ ❖ Vê, a Primavera triunfa, uni-
versal: ❖ a árvore-coral como um fogo
em brasa, ❖ a floresta de Kinçoukas, in-
clinada ao peso de suas flores, ❖ reves-
tindo como de uma túnica ❖ a terra que
resplende como uma esposa nova!



❖ ❖ Que coração não se inflamaria ❖
com as flores do Kinçouka em fogo
❖ semelhantes à deslumbrante pluma-
gem ❖ que adorna a cabeça da arara?



❖ ❖ Quem poderia resistir, amiga da
voz de ouro, ❖ quando a sedução das
flores ❖ se junta aos doces cantos do
pássaro Kokila ❖ que traz a embriaguez
ao coração dos moços?



❖ ❖ Todos os anos, quando vibra o can-
to mágico dos Kokilas, ❖ os homens são
tomados de loucura, ❖ e a obsessão do
amor desperta em sua alma sombria. ❖
No entanto, as esposas, a despeito dos pu-

dores, ♡ sentem o coração que palpita ♡
e esperam, ardentes, ♡ no profundo gi-
neceu.



♡ ♡ O vento sacode os galhos dos Saha-
karas floridos, ♡ dispersa os pássaros, ♡
arrebata o pensamento dos homens, ♡
sopra e passa, feliz ♡ por levar o frio e
trazer de volta os dias radiosos.



♡ ♡ E já que o arbusto encantador, ♡
semeado de brancos jasmims ♡ como os
dentes da noiva sorridente, ♡ perturba
até a alma pura do anacoreta, ♡ como
não perturbaria os outros homens, ♡
accessíveis ao pecado?

✧ ✧ É o mês de Madhou! ✧ Zumbido
da mosca à procura do mel! ✧ Ramas
cheias de pássaros! ✧ Colinas encantado-
ras coroadas de flores! ✧ Praias onde
pousam os alegres Kokilas! ✧ Cinturões
de ouro das mulheres! ✧ Colares de pé-
rolas que entrelaçam os seios! ✧ O' Ma-
dhou, arrebatáis o coração dos homens!



✧ ✧ A Primavera se tornou rival da
mulher: ✧ o canto dos pássaros rivaliza
com o timbre encantador ✧ das vozes
femininas, ✧ o brilho do jasmim, com a
brancura dos dentes, ✧ e sobre os ga-
lhos, os roseos botões de coral ✧ com os
dedos delicados das mãos!



❖ ❖ O mais santo dos anacoretas é for-
çado a amar... ❖ quando a seus olhos
passa o cortejo das mulheres ❖ de face
bela como uma ninféia de ouro, ❖ de
seios com botões úmidos como o sândalo,
❖ de olhares graciosos, ❖ que revelam
secretos ardores... ❖ Falai, santo ana-
coreta, existe nada mais digno dos encan-
tos da alma, ❖ que estas bocas em lotus
florescendo perfumes embriagadores, ❖
estes olhos que cintilam como estrelas, ❖
estas pesadas cabeleiras cheias de Koura-
vakas recentemente desabrochadas, ❖ es-
tes seios e estas formas arredondadas e
encantadoras?



❖ ❖ Os homens palpitam e estremecem
numa estranha sensibilidade, ❖ com a
brisa carregada do perfume das árvores,
❖ o murmúrio das abelhas, música en-

cantadora ♣ e o apelo dos Kokilas melodiosos, embriagados de amor.



♣ ♣ O' noites deliciosas! ♣ O' luares!
♣ Cantigas dos Kokilas machos! ♣ Murmúrio das abelhas embriagadas! ♣ O' brisas perfumadas! ♣ Vós sois bem os preciosos aliados do amor, ♣ do belo deus ♣ que guerreia com flores!



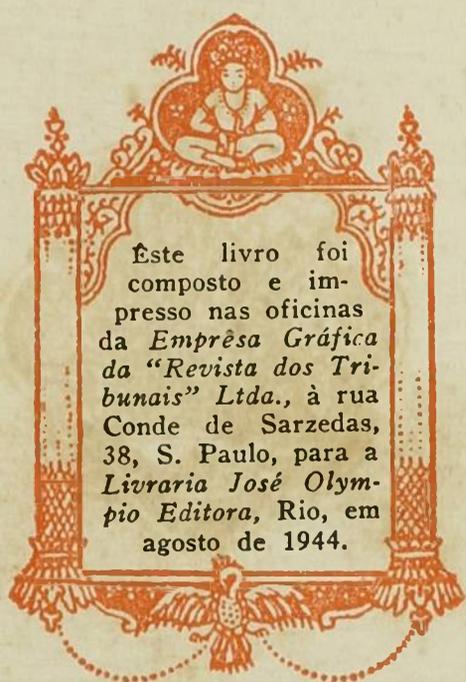
♣ ♣ Ah! que esta estação preciosa a Kama ♣ te seja de uma felicidade duravel, ♣ com sua face de lotus, ♣ seus brancos jasmims, ♣ seus labios em corolas de Açoça, ♣ suas abelhas murmurantes ♣ e o perfume das suas árvores desabrochadas em alegria!

INDICE

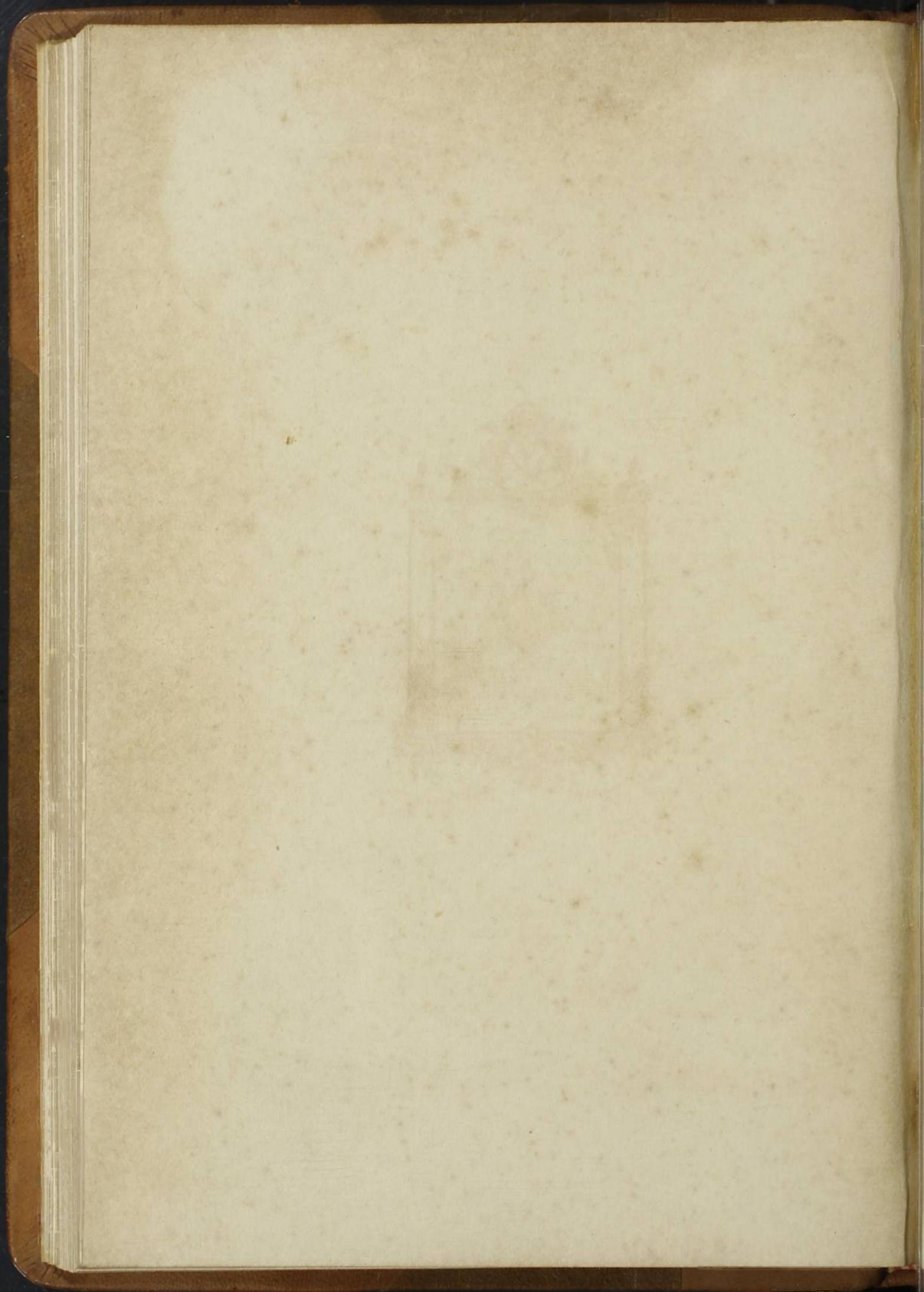
O Verão	7
A Estação das Chuvas	21
O Outono	37
O Inverno	53
A Estação dos Orvalhos	63
A Primavera	73



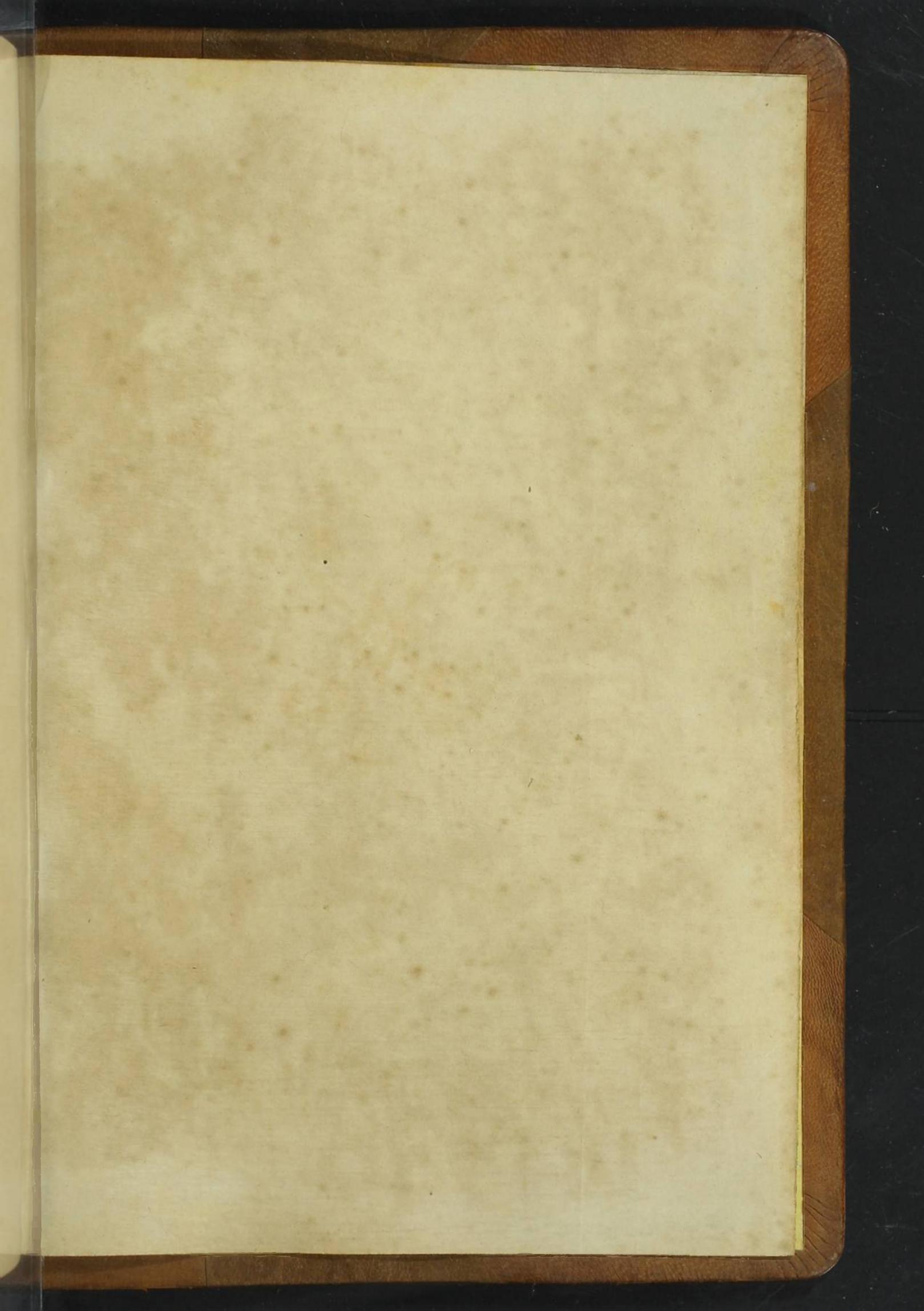




Este livro foi
composto e im-
presso nas oficinas
da *Emprêsa Gráfica*
da "*Revista dos Tri-*
bunais" Ltda., à rua
Conde de Sarzedas,
38, S. Paulo, para a
Livraria José Olym-
pio Editora, Rio, em
agosto de 1944.







24964



